

IMPARCIAL

PROPRIETARIO E DIRECTOR, AUGUSTO DOS SANTOS GUIMARÃES

De J. de F. e M. Larm.

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS

4.º ANNO

GUIMARÃES, TERÇA-FEIRA 20 DE JULHO DE 1875

NUM. 270

QUESTÕES SOCIAIS

Breves considerações sobre Bancos
II

Analisar os caracteres de qualquer época, tactear por assim dizer o pulso à sociedade seria missão difícil, se a ciência nos não viesse auxiliar. Desde porém que a história deixou de ser um encadeado de lendas milagreiras, para o que contribuiram reformadores como Voltaire, Vico na sua «Scienza Nuova», Condorcet, Saint-Simon e A. Comte e passou a ser considerada como um fenômeno natural, cujo substratum é a humanidade dividida nas suas diferentes classes, a história entra nas leis geraes da analyse e o raciocínio pôde-se-lhe também aplicar, como a outro qualquer fenômeno.

Espíritos abalados tem sempre observado os caracteres inherentes ao machinismo social e por um raciocínio deductivo, rigorosamente lógico, hão predito, se não determinado, a marcha evolutiva das sociedades.

Entre elles avulta Francisco M. C. Fourier, engenho incontestavelmente superior e que a uns sonhos utopistas, filhos quicá da sua imaginação surpreendente, juntava um espírito rigorosamente analítico eseramente observador.

Na sua «Teoria dos quatro movimentos» traçava elle em 1809 um quadro do movimento da civilização, em que o seu espírito sagaz e profundamente observador antevia a marcha da evolução social, prevendo desde então o germe da feudalidade, que devia surgir do seio da industria e que te-

ria por sustentaculo, não o castelo e a espada, como na idade media, mas sim o cofre e as notas do banco.

O espírito mercantil e fiscal (germen simples) e as *companhias accionarias* (germen composto) que Fourier collocava na primeiraphase da declinação social, desenvolveram-se tão espontaneamente entre nós, que não hesitamos em dizer, que a época predicta pelo autor do phalauster parece ter chegado, ou ainda mais, que nós a vamos lentamente atravessando.

O empréstimo,—dizia Abel Trauson na Reforma Industrial de 11 de Janeiro de 1833 apreciando a obra citada de Fourier,—é o caminho mais directo á feudalidade industrial e é por conseguinte uma causa essencial da decadência portuguesa.

Os factos estão diariamente justificando as previsões da ciência e n'um livro «Le progrès» scusato e profundo apesar da ligereza da forma, dizia M. About: «O milhão está senhor de todos os negócios lucrativos. É armador, conductor d'omnibus, pedreiro, tecelão, fundidor, director de teatro. A aguia, o ferro, a balsa, o zinco e o aço pertencem-lhe. É tudo e tem tudo.»

A critica mordaz do espirituoso escritor francez é infelizmente d'uma realidade assustadora. A burocacia locupletada e opulenta avassala todos os elementos sociais e vê-se, como o espírito de mercantilismo se desenvolve entre nós, dominando absolutamente todos os animos. E não se diga, que este rapido caminhar da usura e da avaricia symboliza uma das fases do progresso! Muito pelo

contrário é indicio d'uma decadência, para não dizer de degradação!

A feudalidade industrial prevista por Fourier está pois nos dias da sua mais vigosa florescência; mas a esta vida toda ficticia e galvanica succeder-se-há com certeza a mais terrível das desillusões. Assim é necessário também, para que se vao operando as transformações, que hão-de conduzir a humanidade a uma forma social relativamente mais prospera.

Continua

J. Augusto Vieira

APPELLO A' CARIDADE

Da redacção do «Correio do Meio Dia» recebemos a seguinte circular:

Excellentissimos collegas

Não ignoram v. excellencias as tristissimas circumstancias em que se acha esta pobre província que começa a lutar com os effets d'uma crise agrícola das mais escassas e improductivas que ha memoria.

A uma santa crusada que a imprensa tem feito ante os poderes centraes pedindo-lhes energicos soccorros deve a província os decretos do governo de sua magestade que lhe fazem alimentar esperanças de lhe minorarem uma grande parte dos sofrimentos que a esperam.

Tres são as classes mais ameaçadas das dolorosas consequencias do terrivel flagello. Os pequenos proprietarios, os trabalhadores e os indigentes.

Para as duas primeiras tem-se tomado medidas práticas que as auxiliem.

felizes que succumbem á fome e aos supplicios, como d'antes os tribunais da inquisição se encheram de martyres e innocentes.

Um bando de mulheres semi-nunas seguem as cohortes dos guerrilhas, entoando blasfemias, e nas portas das igrejas ajoelham-se bendizendo seu príncipe e a Deus.

E a pobre patria de Cid, a bella Hespanha de outra hora, córda de envergonhada ante as nações actuaes e vae cedendo o passo a esses bandos famintos, que envergonhavam Attilas e Vandals.

III

Hespanha, pobre Hespanha, quem te ha assim levado ás arcas do abysso? Tu eras pressurosa em frente do progresso e has ficado assim! Teus filhos d'antes se junetavam nas asquerosas cavernas das Asturias e contra o jugo dos Arabes, barbaros entanto para elles se arvoravam legiões; hoje, onde estão os filhos d'esses bravos? D'antes tudavas a illustração ao mundo, hoje espanta-se de ti!

Hespanha, pobre Hespanha... Não ha de que clamar de estraihos, lastimam-te todos, patriade

Para a ultima que é a mais necessitada, porque sem recursos proprios de bens ou aptidão a trabalho, só pode viver da caridade e encontrar esta esquia e remissa na província onde são tão poucos os que têm sobrejtos, não ha ainda providências nem humas tomadas.

A província consta que a caridade oficial vira em auxilio d'estas classes, mas ella não bastará nem poderá excluir a caridade officiosa que se pode implorar nas partes do paiz no caso de a prestarem.

Nem também em crise tamanha o concurso particular deve adormecer á sombra das provindades officiaes que jamais em taes occasões houve somma de benefícios e prestatos para mal tão grande.

A imprensa portugueza conta na sua história laustos honrosos n'estas horíveis situações e nós que occupamos o lugar mais humilde atrevemo-nos a affiançar que ella prestará este serviço á indigencia algarvia porque só o corpo jornalistico está em situação de implorar a caridade officiosa no paiz inteiro com proficuos resultados.

Com este fim convidamos a v. excellencias para se associarem e promoverem o bom resultado d'este pensamento abrindo no journal que redigem uma subscriçao com o seguinte titulo:

Socorro para a indigencia Algarvia por iniciativa da imprensa portugueza.

Subscrição na redacção d'este jornal

Uma comissão central na província que oportunamente comunicará a v. exc.ª a sua ins-

tallação será encarregada de receber os donativos e de os dividir pelas commissões filiaes que vamos organizar em todas as freguezias sob a presidencia dos parochos que se encarregarão de fazer a distribuição d'um caldo negro e esmollass a pobres recolhidos na medida dos recursos que virmos produzir este nosso trabalho.

Certos do valioso appoio que vamos encontrar na generosidade d'essa redacção e dos seus amigos e no importante serviço que vamos prestar aos pobres algarvios, temos a honra de levar a essa redacção as nossas gratidões e consideração que lhe devemos como humildes collegas, amigos, attentos, veneradores e obrigados.

A redacção do «Correio do Meio Dia»

Portimão, 5 de julho de 1875
Luiz Mascarenhas

Do melhor grado anuumos ao pedido do nosso estimável collega. Deus queira que o appello não seja em vão, e oxalá que a caridade publica, impellida pelo mais nobre de todos os sentimentos—o socorro aos necessitados—se appresse a ouvir os rogos dos nossos irmãos do Algarve, que tem fome.

Fica pois, á disposição da caridade o escriptorio do nosso journal, tanto para receber as esmollass que por ventura possam vir, como para o registo d'ellas.

CARTAS AO «IMPARCIAL»

EM MADRID

Não ha polícia mais inepta, mais boçal, mais estupida do que a polícia portuguesa.

Por toda a parte se levanta um grito angustioso de indignação, que se vai perder entre as risadas ferozes dos guerrilhas, como o murmurio da onda ao querer se na praia se vai perder no espaço.

Em vão os lamentos estranhos surgem por toda a parte, em vão tens filhos leaes se esforçam para ouvir os, nada pára o exterminio, nada sustem esse vertice de escoria do povo, nada fazcárar as faces d'esses bandos.

A maldição celeste desceu sobre teus muros e a espada vingadora do archanjo flameja no ceu da patria.

A voz da vingança sobresae á voz da consciencia e o grito da discordia abafa o clamor da justiça.

Atordoam os ares o clangor dos bandos de guerrilhas, que viuperam — ordem — e uma voz distincta vai resoando — roubo —

Terra de Hespanha porque te matam já?

Porto 6 de julho

de 1875

Henrique Bravo

FOLHETIM A REVOLUÇÃO

Porque horrivel magia podem alguns homens encadear ao seu crime um povo inteiro indignado!...
VILLEMAIN, DA ACD. FRC.

As tendencias da epocha actual são para a democracia. Nada move mais o homem que a palavra liberdade, nada o alegra tanto como igualdade!

No meio da confusão geral da emancipação social, surgem á luz das ideias novas hecatombes, horrendas!

Quando a palavra ordem, saída dos corações magnanimos dos verdadeiros pugnadores da instrução contra as trevas da ignorância mais necessita ecoar no meio dos bandos attonitos dos populares, vem escurecer-lhes as mentes sobressaltadas por tantos brados opostos o nome horrendo de sangue! E entre esses dois brados contrarios, os homens dividem-se em partidos e atiram-se á luta voferando—ordem!

O grito de exterminio saca fu-

ribundo d'entre os guerrilheiros do progresso e vao-se junctar ao saque, à violação e ao fogo, assolando cidades inteiras, povoações inermeis, e o grito de desesperação das victimas perde-se nas risadas torpes, no ecoar dos machados e no crepitar das chamas!... O povo pára espavorido e o progresso recua horrorizado; as turbas iufrenes e enlouquecidas exterminaram-se nas ruas; o sangue espadaneja dos peitos viris de cidadãos honrados e a ruina pânia sobre cidades extensas!

No vomitar d'horrores ostentados fecham-se á população dos crentes, e nos portões das ruas fluctuam farrapos de rebeldia, que se acham tintos já de sangue humano e inocente.

A bandeira da ordem foi apeada das columnas das praças, e o repicar dos sinos que d'antes chamava os fiéis á oração, hoje chama os guerrilhas ao saque e á matança.

A liberdade de Christo, legada no Golgotha, é vilipendiada em sangue pelo clero estupido e fanatico; e no meio da carnificina e horrores invoca-se a religião do martyrio!

As cadejas atulham-se d'in-

fernos que succumbem á fome e aos supplicios, como d'antes os tribunais da inquisição se encheram de martyres e innocentes.

Um bando de mulheres semi-nunas seguem as cohortes dos guerrilhas, entoando blasfemias, e nas portas das igrejas ajoelham-se bendizendo seu príncipe e a Deus.

E a pobre patria de Cid, a bella Hespanha de outra hora, córda de envergonhada ante as nações actuaes e vae cedendo o passo a esses bandos famintos, que envergonhavam Attilas e Vandals.

III

Hespanha, pobre Hespanha, quem te ha assim levado ás arcas do abysso? Tu eras pressurosa em frente do progresso e has ficado assim! Teus filhos d'antes se junetavam nas asquerosas cavernas das Asturias e contra o jugo dos Arabes, barbaros entanto para elles se arvoravam legiões; hoje, onde estão os filhos d'esses bravos? D'antes tudavas a illustração ao mundo, hoje espanta-se de ti!

Hespanha, pobre Hespanha... Não ha de que clamar de estraihos, lastimam-te todos, patriade

No dia 8 de Julho cheguei á dos campeões da oposição ao actual gabinete; tem, apesar de ser militar, mostrado com phrases vétementes o favoritismo, a indignidade, immoralidade do seu chefe Fontes Pereira de Melo, esposso procuraram-se todos os meios, ainda os mais violentos e ignóbeis, para se punir a sua *ouzadía* de dizer ao povo verdades amargas!!

A mesquinda vingança, porém, que o governo n'elle quer saciar, não o autorisa a atacar uma família inofensiva, a violar os mais sagrados direitos, e, finalmente, a desrespeitar a nossa lei fundamental!

Não se tendo em nenhum conta as disposições expressas nos §§ 6 e 25 da Carta Constitucional, a casa dos parentes do nosso amigo foi despotica e arbitrariamente devastada pelos esbirros e espionos do sr. Fontes, e a sua correspondencia particular violada!!

Este desrespeito á lei que deve servir de norma em todos os actos dos poderes publicos, estamos bem convencidos não passará despercebido por todos aqueles que amam os principios liberaes, que tanto sangue fizeram derramar para se implantarem n'este desgraçado paiz.

Esperamos que a imprensa livre fulmine, como merece, este infame procedimento do governo, que infelizmente nos rege.

QUEIMA DO MILHO

A queima do milho, que, segundo afirmam alguns jornais até governamentaes, se faz em duas importantes fabricas do Porto, tem exaltado muito os animos dos povos d'este distrito, produzindo gravissimos conflitos entre as autoridades administrativas, que pertendem tornar livre a sua exportação, e as classes pobres que a querem impedir.

Não podemos deixar de estar ao lado do povo nas circunstancias actuaes, porque, embora sejam apostolos fervorosos da liberdade do commercio, e o que desejamos que ella seja limitada, a fim de diminuir a fome e a miseria.

O excessivo preço porque se se tem vendido ultimamente o milho tem produzido a fome de muitas famílias, cujos esposos poucos mais ganham, e alguns ainda menos, do que para comprar o pão que consumem!

N'estas circunstancias, pois, deve o governo prohibir a queima do milho, embora se ataque à liberdade de industria, porque as bebidas alcoolicas que elle produz podem ser dispensadas, e até se torna conveniente que elles se vendam por alto preço para evitar as consequencias funestas que muitas vezes tem lugar, enquanto que o pão é necessário e essencial para a sustentação e alimentação da sociedade.

Em quanto o governo não der as providencias necessarias, não deve repetir-se as scenas desagradáveis que tem tido lugar em Fafe, n'esta cidade e em outras terras.

Por esta occasião não podemos deixar de ridicularizar a tristissima figura que fez o sr. Couto, administrador d'este concelho no sabbado passado.

N'este dia o povo em massa pertencia que se não vendesse um algum aos regatões, assim d'elle não ser transportado para o Porto.

O sr. Couto apareceu no logar da feira e tractou de pacificar os animos, saltando-lhe porem os dotes oratorios, a popularidade e sympathias teve de desfilar. Enraivecido e desesperado por não terem respeitado, foi a caza, poe a facha azul, requisitou uma força do regimento aqui estacionado, e mettido no meio d'ella aparece outra vez na feira, qual outro D. Quixote!!

Frequentes são os cazos de deserção no exercito português, e em nenhum d'elles se empregaram meios tão violentos como na do nosso amigo Boaventura da Costa.

A razão, porém, é obvia. O nosso illustre escriptor Boaventura tem sido um dos mais denoda-

peitaria mais do que a auctoridade de que estava revestido??!!

Que vasta intelligencia!!

Tal o medo e o receio que se lhe incutiu, que, mettido no meio das baionetas, ali se conservou sempre até que o povo se retirou!!!

Ainda assim mandou prender alguns cidadãos inofensivos, simplesmente por afirmarem que o milho ia para queimar!!

D'estas arbitrariedades e despoticas prisões fállaremos ainda mais detidamente.

Declaramos ha dias que o sr. Francisco Teixeira Barbosa, cavaleiro assaz respeitável da cidade de Lamego, não foi nem é nosso correspondente n'aquelle localidade. Dissemos a verdade, como sempre.

Consta-nos agora que o pachiderme Guedes Teixeira insiste em considerar o sr. Teixeira Barbosa auctor das correspondencias publicadas no nosso jornal.

A estulta insistencia do ridículo visconde obriga-nos a acrescentar á declaração do n.º 268 o seguinte:—O correspondente de Lamego folga immenso, se for chamado aos tribunaes, porque terá então ensejo para fazer grandes revelações.

Temos diante de nós o programma de um novo jornal politico, litterario e noticioso, que vai ver a luz da publicidade no proximo mez d'agosto, na cidade de Braga, sob o titulo de «Campeão de Portugal». Serão seus redactores os srs. Miguel Roque Martins Tavares e José de Moraes Neves.

Anda em viagem pela nostra provinica, o sr. Augusto da Silveira Machado, litterato distinto, ainda que obsoleto, e alumno da Escola Medica de Lisboa. Esteve em casa do nosso amigo Manoel Ferreira da Silva, e acha-se agora nas Caldas das Taipas.

Faleceu hoje de manhã nas Caldas de Vizela e no «Hotel Vizelense», onde se achava hospedado, vítima d'uma apoplexia, o sr. Carlos de Magalhães, cunhado do exem.º visconde de Santa Luzia.

O sr. visconde e sua excm.ª familia haviam ido d'aqui hoje para o visitar, mas quando chegaram a Vizela já o encontraram cadaver. Os nossos sentimentos à familia dorida.

Publicamos hoje a primeira das prometidas cartas do nosso collega Boaventura da Costa, que, como ja dissemos, está no estrangeiro. E admiravel.

Dizem-nos que o sr. visconde de Margaride, o Bonga do Minho, longe de insistir pela sua almejada demissão se empenha pela conservação no cargo, havendo já atuado o governo que seria eleito por Braga o sr. Lopo Vaz.

Compre agora aos eleitores d'aquelle circulo mostrar que são dignos e independentes, e que não corram a cabeça perante o desbaratado delegado do immoralissimo governo, que felonamente nos rege.

O nosso sympathico amigo Manoel Ferreira da Silva, moço de grande inteligencia e apreciaveis qualidades, vai ser nomeado juiz do julgado de Paços de Ferreira.

Raras vezes se fazem nomeações tão acertadas.

Publicou-se o n.º 78 do illustrado semanario lisbonense «A Tribuna».

Na freguezia de Rio Tinto, concelho de Espoende, foi ultimamente desflorada uma criança de 4 annos incompletos, por nome

Maria, filha de Manoel José da Silva!!

O auctor de tão nefando crime conta 14 annos de idade, e infecionou a pobre criancinha de mal syphilítico!!

Não nos parece que haja muitos atentados como este, dignos de horror e castigo.

Dizem os jornaes da capital que o sr. visconde de Margaride pedira a exoneração degovernador civil de Braga. Dividam o, o homem é paspâhão, e gosta de figurar, custe o que custe.

(Aurora do Carade)

Publicou-se o n.º 47 da «Gazeta Musical de Lisboa».

Embarcaram em Inglaterra 1.200.000 kilogrammas de calhas de ferro para a 1.ª secção do caminho de ferro de Bougado de Santo Thyrso ás Caldas de Visella. O caminho estará aberto á circulação antes do fim do anno.

Em consequencia do tempo chuvoso que esteve no domingo proximo, foi pouco concorrida a romagem de Nossa Senhora da Penha.

Consta-nos que ha desinteligencia entre o nobre visconde de Arcneiroz, caracter honesto e nobre, e o pachiderme Guedes Teixeira, saltimbanco despresivel e sordido.

E a eterna luta entre o Bem e o Mal...

Queixam-se diferentes jornaes do paiz de quo o governo consinta na existencia de um hospicio dirigido por jesuitas na rua Dezenas de Maio, no Porto.

Juntamos o nosso protesto a dos nossos illustres collegas, e pedimos que se aplique aos santarões as leis satulares do ministro de D. José I.

Consta que o governo vai proceder contra o jornal «Palavra», em consequencia de ter publicado uma portaria apócrifa.

Fez-se no domingo proximo a festividade do «Corpus Christi» na parochial egreja dos extintos Jerónimos, a pequena distancia desta cidade.

CORRESPONDENCIAS

Porto 18 de julho. (Do nosso correspondente).

Como lhes disse, saiu á luz um folheto do sr. padre Senna Freitas, a respeito dos «Lazaristas», refutando-os, e provocando o sr. Ennes, e todos os que o aplaudiram. É um folheto caricato, não só porque é intempestivo e importuno, como por que é escrito, por quem teve de escolher a mentira para aniquilar a verdade.

O sr. padre Senna Freitas, sabe melhor que ninguem que o drama contem a verdade nos diálogos, a certeza em tudo, e que o padre Bergeret é o seu retrato de todos os Sennas Freitas. Ser lazista ou jesuita, pouco importa ao caso. Tão velhacos são uns como os outros.

O primeiro capitulo do folheto,—a primeira lagrima—vem insultuoso demais, e tanto que só um padre tão atrevido edescarado o podia escrever. É preciso muita astucia para se dizer quem concordia ao theatre, quem dava palmas, não era o publico sensato, a imprensa que queimava incensos e preparava grandes elogios, não era tambem senão a imprensa azul... quando nós vimos lá todas as noites a melhor sociedade.

O reverendo, porém, tem razão, porque vê as cousas ás avessas. Adivinhou a respeito da imprensa, porque a que fallou a favor

dos «Lazaristas», foi efectivamente a azul e branca, e que lhe não convém mencionar.

E tão enloucise o tal padre que insta com o sr. Ennes a que lhe apresente documentos em como os lazistas tem absorvido doações de fanaticas! Não faltarão elles, por certo, mas em todo o caso, quando es não houvesse, haviam os factos e elles valerem tanto ou mais que os documentos. Veja-se o que recentemente acontece em Lisboa com a visita do dr. Taborda, e o Bergeret que reclamou a concessão do convento de Santa Joana, e diga-nos o sr. padre Senna Freitas se fica contente.

Já disse que não me admirava que o sr. Freitas viesse defender-se a si e aos seus; mas o que não acreditava é que «cuchesse» o seu folheto de tolices que só lhe poderão acarretar o odio mais encarniçado de todos. Para mostrar que presava a sua dignidade e que estava acima de todas essas assertões, o sr. Senna Freitas nunca deveria ter vindo à imprensa, por que quem não deve não tem, e alem disso melhor é em tal conjunctura estar calado... Se ninguém os acredita... Se todos mais ou menos os conhecem... Se os factos se estão dando... Que querem? Menos descaro e tráverá mais patos.

No entanto, o unico culpado é o nosso governo. Esse governo que parece se tornou instrumento d'esses miseráveis corruptores de consciencias, vendendo-lhe casas para collegios áonde elles d'ajuda dous dias ensaiarão a derrotar aquello que lhes aprouver, e isto preparando os animos a entrar e invadir os conventos, fazendo-lhe as desejadas doações. E o Sãolos collegios, e para que o governo cede os edificios do estado?

Quando se devia expulsar o inimigo, dá-se-lhe refúgio! Quando o governo devia dissolver essas associações, como focos suspeitos de conspiração, dá-se-lhe forças e consente-se em que velhas raizes!

Magnifice...

O folheto do sr. Senna Freitas intitula-se: «Os Lazaristas meto lazista sr. Ennes, e custa 1500 reis.

O título é ameaça do pato. O sr. Ennes fica sendo lazista.. Continua

Lamego, 17 de julho. (Do nosso correspondente).

É geral a indignação contra o proceder audacioso e prepotente d'um chefe d'esquadra de polícia e d'um polícia de Lisboa, chamando-se este Castello Branco, que, acoitapinhados d'outro polícia do Porto e d'uma força do regimento 9 d'infanteria foram na manhã do dia 15 do corrente procurar a casa de Quintião, d'este concelho, o sr. Boaventura da Costa, um dos redactores d'este jornal, como deserto do regimento de infanteria 17.

Os policias, residuos do corpo a que pertencem, devassaram as gavetas da secretaria do denunciado e roubando-lhe algumas cartas da sua correspondencia particular, e duas folhas do «Imparcial» que ali acharam. Tractaram com atrevida insolencia as pessoas d'aquelle respeitável casa, usando o polícia Castello Branco da linguagem de verdadeiro gallego ou carreteiro de praça. Que civilizada polícia!

O sr. chefe d'esquadra, que devia obstar ao abuso e indecência dos seus subordinados, consentia com a sua muda e imbecil presençia o facto que apontamos, e veio com os seus agentes para uma hospedaria d'esta cidade trazendo consigo em vez do deserto, que não estava na casa de Quintião, as cartas particulares e os jornaes que referimos.

Não é d'este modo que se desempenham comissões do serviço do estado. Não é dentro de gavetas e de cartas d'uma família que a Carta Constitucional manda procurar os desertores do exercito portuguez!

Para este escândalo chamamos a atenção do sr. ministro do reino, que não podia auctorizar um insulto ao asylo d'uma família, sendo roubadas e devassadas as cartas e as gavetas pelos comissionados encarregados da captura do desertor alludido.

Os policias mostraram n'esta cidade o retrato do sr. Boaventura da Costa, e algumas cartas destes, segundo nos informam, dizendo que os últimos numeros do «Imparcial» os guiam na sua procura. Também não foram convenientes estas declarações, visto que não é somente a deserção que manda procurar pelos policias da capital o sr. Boaventura da Costa, porque muitos desertores passeiam n'este paiz.

O snr. Boaventura da Costa tem sido redactor d'alguns periodicos d'opposição ao gabinete actual, escrevendo ultimamente para o «Imparcial» que não é do seu agrado. Por isso vem a polícia de Lisboa em carro descoberto viajar pelas províncias com instruções confidenciais, fazendo-se as despesas por conta do Estado, e proceder-se á captura do desertor d'infanteria 17 com ruidoso appamento.

A' CARIDADE

Antonio da Silva, morador na rua da Caldeirão n.º 8, achando-se gravemente doente, sem meios alguns de subsistência, caçado e com filhos, implora das almas caritativas uma esmola, pois que por mais pequena que seja será recompensada no céu.

SAUDA A TODOS sem medicação, purgantes nem despesas, com o uso da deliciosa farinha de Saude.

REVALESCIÈRE
DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariável sucesso

Combatendo as indigestões (dispepsias gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargor na boca, pituitas, náuseas, vomitos, irritação intestinal, bexigas, diarréa, disenteria, colicas, tosse, astma, falta de respiração, opressão, congestão, mal dos nervos, diabetes, debilidade, todas as dor-dens no peito, na garganta, do alto, dos bronquios, da bexiga, do ligado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cérebro e do sangue, 85.000 curas entre as quaes, contam-se a do duque de Pluskov, das excellentíssimas senhoras marquesa de Brehan duqueza de Castl-stuart, dos excellentíssimos srs. Lord Stuart de Decies, pard'lu-gaterra, doutor e professor Wurzer, o professor e doutor Bencke, etc. etc.

Cura n.º 80.416

Vervante, 28 de março 1866.

Senhor.—Bemrito seja Deus! A sua Revalescière salvou-me a vida. O meu temperamento, naturalmente fraco, estava arruinado em consequencia de uma horrível dispepsia que durava ha oito annos, tratado sem resultado algum favorável pelos medicos, que declaravam que alguns mezes de vida me restariam, quando a eminente virtude da sua Revalescière me restituui a saúde.

M. BRUNELIERE, cura, cura n.º 78:364

Mr. e m Leger, de doença do fígado, diarréa, tumor e vomitos. iura n.º 68:474

Mr. Pierre Castelli, abade, de prostração completa na idade

de 85 annos; a Revalescière remou-o. «Prigo, confessó, visito os doentes, dou grandes passeios a pé, e sinto o espírito lucido e a memória fresca.»

Seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economiza cincuenta vezes o seu preço em remedios—Preços fixos da venda por mundo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata de 1/4 kilo 500 reis; de 1/2 kilo 800 reis, de 1 kilo 1\$400 reis; de 2 1/2 kilos 3\$200 reis.

Os biscoitos da Revalescière que se podem comer a qualquer hora vendem-se em caixas a 800 e 1\$400 rs.

O melhor chocolate para a saúde é a Revalescière chocolate; ella restitue o apetite, digestão, soninho, energia e carnes duras, ás dessoas e ás crianças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinário, sem esquentar.

Em pó e em paus, em caixas de folha de lata de 12 chavenas 500 reis; de 24 chavenas 800 reis; de 48 chavenas 1\$400 reis; de 120 chavenas 3\$200 reis ou 23 reis cada chavera.

Barry du Barry & C.º — Place Vendôme 26, Paris; 77 Regente Street Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, mercieiros, etc., das províncias devem dirigir os seus pedidos ao Depósito Central, sr. Serzedello & C.º, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa, (por grosso e mundo);

Azevedo Filhos, praça de D. Pedro, 31 e 32; Barral & Irmãos, rua Aurea 12, Porto, J. de Souza Ferreira & Irmão, rua da Baanaria 77 Guimarães, António José Pereira Martins, pharmaceutico, António d'Araújo Carvalho, merceria—campo da Feira, 4. José Joaquim da Silva, droguista—rua da Rainha, 29 e 33.

ANNUNCIOS

DOCTOR IN ABSENTIA

O professor em artes, letras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o título e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a «Medicus», rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

Antonio do Góto
Vinagreiro anuncia que as suas diligências entre Guimarães e o Porto terminam no dia 31.

Guimarães 20 de julho de 1875

No dia 24 do corrente, por 9 horas da manhã, no tribunal judicial desta comarca, collocado no extinto convento de S. Domingos, se tem de arrematar voluntariamente uma morada de casas sitas no campo de S. Francisco, com os numeros 30, 31, 32, as quaes são dízimas a Deus, e 13 lagares e uma lagareta na rua de Couros, foreira ao padre Rodrigo Lobo de Souza Machado, cuja arrematação se faz a requerimento de D. Maria de Belém Carnéiro e marido Adriano Gaspar Pinto de Saldanha, com a declaração que tudo se entregará quando n'isso convenham os requerentes e que as rendas a vencer no proximo S. Miguel ficam para os actuaes possuidores.

No dia 24 do corrente, por 9 horas da manhã, no tribunal judicial desta comarca, collocado no extinto convento de S. Domingos desta cidade, e por força de execução de sentença que

Manoel Pereira da Silva Guimarães, solteiro e maior, desta

cidade promove contra D. Anna Emilia do Conto Sampaio da freguesia de S. Martinho de Sande desta comarca,

e marido Gabriel Luiz de Paiva, residente na freguesia de Meuquim, comarca de Villa Nova de Famalicão,

e seu irmão José Baptista Sampaio Guimarães, da dita freguesia de S. Martinho de Sande, tem de arrematar-se e entregar-se pelo maior lance os seguintes bens:

320 decalitros de milho que pode render o campo das Pontes, livre da cultura avaliado em 76.800.

16 decalitros de feijão amarelo que pode render o mesmo campo livre de meias avaliados em 4.800.

24 decalitros de vinho que o mesmo campo pode render livre do terço avaliados em 7:200.

160 decalitros de milho que pode render o campo do Moinho livres de cultura avaliados em 38:400.

10 decalitros de feijão que o mesmo campo pode render livre de meias avaliados em 3:000 reis.

6 decalitros de vinho que o mesmo campo pode render livre do terço avaliados em 1:800.

3 cadeiras de madeira de castanho com assentos de pau avaliadas em 900 rs.

Uma meia de madeira de castanho com duas gavetas avaliada em 400 rs.

É escrivão da execução Seralim Garneiro Geraldes Junior.

No dia 7 do proximo mês d'agosto por 9 horas da manhã, no tribunal judicial da comarca situado no extinto convento de S. Domingos, se tem de arrematar voluntariamente uma morada de casas sitas no campo de S. Francisco, com os numeros 30, 31, 32, as quaes são dízimas a Deus, e 13 lagares e uma lagareta na rua de Couros, foreira ao padre Rodrigo Lobo de Souza Machado, cuja arrematação se faz a requerimento de D. Maria de Belém Carnéiro e marido Adriano Gaspar Pinto de Saldanha, com a declaração que tudo se entregará quando n'isso convenham os requerentes e que as rendas a vencer no proximo S. Miguel ficam para os actuaes possuidores.

Vende-se uma morada de casas de 2 andares, sitas na rua de S. Thiago desta cidade, com os numeros 13, 15 e 17. Quem as pretender falle com a dona Engracia Maria Varella moradora na mesma casa.

Arrenda-se a casa de Reserva, dentro da quinta da Athouguia, proxima ao cemiterio.

NOVO ESTABELECIMENTO

António Fernandes Matias, ultimamente estabelecido na rua de S. Paio n.º 28 a 30, d'esta cidade faz constar ao publico, que tem um bom sortido de fazendas de linho e algodão, as quaes vende por preços comodos.

CENE BRA FOCKINK
Vende-se por 500 reis cada botija d'esta excelente cenebra, no armazém de Villa Pouca



ATTENÇÃO

ANTONIO Branco e Antonio Padeiro annunciam a todos os seus amigos e fregueses que no dia 25 d'outubro estendem a sua corrida de diligências até ao alto da Lixa aonde tomam passageiros para Felgueiras, Guimarães, Braga e Famalicão, para a estação do caminho de ferro.

Sae da Lixa às 4 e meia horas da manhã.
De Felgueiras às 5 e meia.
De Guimarães e Braga às horas do costume.

PREÇOS

Da Lixa a Guimarães 30c reis.

Da Lixa a Braga 540.

Da Lixa a Famalicão 700.

Vice versa os mesmos preços.

Concedem 10 kilos de bagagem gratuita e o excedente 20 reis por kilo.

Os seus escriptórios são: no alto da Lixa na estalagem do sr. Dias; na Lixa (villa) na casa do sr. Bernardino Pinto de Queiroz; em Felgueiras no sr. Bernardo José da Cunha; em Guimarães no sr. Mello no Touro e em Braga no sr. Marques, largo do Barão de S. Martinho.

Os anunciantes tem o serviço bem montado, e farão sempre por bem servir.

Felgueiras 16 de julho de 1875

BANCO COMMERCIAL

DE

GUIMARÃES

GAMPO DA MISERICÓRDIA, 19

Sociedade anônima de responsabilidade limitada

SEDE EM GUIMARÃES

caixa filial no Porto, rua de Ferreira Borges succursál em Lisboa, rua dos Fanqueiros 218

Este Banco tem por fim a exploração de vários ramos de comércio e todas as operações que lhe são próprias e designadamente as seguintes:

Desconta letras estrangeiras e do paiz; assim como quaisquer outros títulos de comércio com veicamento determinado.

Transfere fundos tanto para qualquer parte do paiz como do estrangeiro, onde o Banco tenha correspondentes.

Abre créditos no paiz e no estrangeiro onde o Banco tenha correspondentes.

Recebe dinheiro em conta corrente com a prazo fixo, bem como no estilo das caixas económicas abonando juro.

Recebe em guarda na sua casa forte, valores de qualquer especie, mediante comissão ou sem ella, consoante pertencerem, ou não, a accionistas ou a clientes do Banco.

Acceita consignações de géneros e mercadorias e de quaisquer valores para vender, mediante comissão somente ou também com credito.

Faz empréstimos sob caução de valores de ouro, prata, pedras preciosas e títulos de toda a especie, com tanto que tenham cotação; géneros e mercadorias armazenadas ou em viagem, ficando em poder do Banco os respectivos conhecimentos, facturas e apostices de seguros, e finalmente sob hypotheca de predios rústicos e urbanos, e mesmo de embarcações mercantes.

Cobra e paga por conta de terceiros, liquida heranças e faz transações sobre elles, mediante comissão determinada ou compra.

Empresta dinheiro em conta corrente.

Empresta ao Governo, e contracta por conta d'elle empréstimos e suprimentos; empresta aos municípios, estabelecimentos públicos e a quaisquer corporações, devidamente autorizadas.

Egidas operações se fazem na sua caixa filial e succursál.

Guimarães 1 de Maio de 1875

OS DIRECTORES

José Maria da Costa
Fortunato Jorge Guimarães Baraleiro
José Chrysostomo da Silva Basto
Joaquim José d'Almeida Machado
Domingos Fernandes Guimarães

ESPECIALIDADE DE CHAPEUS E CONFECÇÕES

PARA SENHORAS E CREANÇAS

ULTIMOS CHAREUS MODELOS DE PARIS

Maria Cecilia da Conceição de Almeida Fernandes e seu marido Marcos Maria Fernandes



FORNEDORES DE SUA MAGESTADE A RAINHA



PARTICIPAM ao respeitável público, e com especialidade às suas freguesias, que acabam de receber directamente de Paris, para o seu estabelecimento, pelo ultimo paquete chegado do Havre, lindos chapeus modelos das melhores modistas parisienses, as quais se esmeraram em remeter a mais alta novidade.—Ha perfeitamente executados pelos ditos modelos, grande e variado sortimento de chapéus de todas as qualidades para senhoras e creanças, como em palha d'arroz, ditos de fantasia, sedas, gros de Suez e em tulles, para os seguintes preços : 2\$000, 3\$000, 3\$600, 4\$500, 6\$000, 7\$000, 8\$000, 9\$000 e 10\$000 reis, sendo todos enfeitados com boas fitas de faile e legitimas flores francesas, até mesmo os mais baratos, e os modelos desde 12\$000 a 22\$500 reis. Grande variedade de cascos para chapéus do rigor da moda, de palha de arroz e de farrisia, para 1\$000, 1\$500, 2\$000 e 4\$300 reis.

Recebeu-se também pelo referido paquete um lindíssimo e completo sortimento de flores finas francesas, as quais se vendem desde 500 a hasta até 6\$000 reis, e recebem-se igualmente de Paris fitas de faile, plumas, gros de Suez, turquoises, palha de arroz e fantasia, todos os mais preparos para confeccionar chapéus de todas as qualidades e muitos outros artigos de modas para senhoras e meninas.—Arranjam-se todos os chapéus antigos á moda pelos modelos, sejam de que qualidade forem.—Peças de palha de arroz e fantasia, desde 600 até 2\$000 reis.

ATELIER DE COSTURA

Fazem-se vestidos, casacos, capas, fatos de creança e enxovaes completos para noivas á vista dos ultimos figurinos (havendo tres edições de Paris todas as semanas), tudo muito barato, com perfeição, brevidade, e o mais apurado bom gosto.

Recebe-se toda a qualidade de encomendas de todas as terras do reino e ilhas, encarregando-se dos transportes e despachos de qualquer pedido, satisfazendo de prompto e com o maior zelo e equidade possível.

LISBOA

61.—4.^o—TRAVESSA DE SANTA JUSTA,—61. 1.^o—
Segunda escada vindo da rua Augusta para a rua da Prata

LISBOA

VINHOS
DO
ALTO DOUBO
PREMIADOS
NAS
EXPOSIÇÕES:



CASA
DE
VILLA POUCA
PREMIADOS
NAS
EXPOSIÇÕES:

JOSE' d'Oliveira encarregado de ender os Vinhos da casa de Villa Pouca annuncia que tem à Venda as seguintes qualidades de vinho engarrafado (fora a garrafa)

| | | | |
|------------------------------|----------|-------------------------------|------------|
| Tinto de meza | 450 reis | Moscatel | 500 reis |
| Lagrima | 200 reis | Vinho de 1854 | 600 reis |
| Tinto | 190 reis | Roncon | 700 reis |
| Tinto fino | 240 reis | Vinho de 1828 | 1.000 reis |
| Vinho velho em prova secca . | 300 reis | Reserva de 1838 por garrafa . | 2.250 reis |
| Valasia, segunda qualidade . | 360 reis | Bual de 1851 | 4.000 reis |
| Ainho velho | 400 reis | Delicado de 1857 | 800 reis |
| Alvaralhão, superior . . . | 560 reis | Especial de 1862 | 600 reis |
| Bastardo velho | 500 reis | Cerveja ingleza | 110 reis |
| Malvasia primeira qualidade. | 500 reis | Nacional | 50 reis |

A RETALHO :

Vinho de meza a 50, 60, 80, e 120 reis o quarilho do tinto e 120 reis do branco. Este armazém tem depositos : em Fafe, em casa do sr. Miguel Antonio Monteiro de Campos; em Vizella em casa do sr. João Teixeira Alves, na Lameira; nas Taipas, no hotel do sr. Villas; em Braga, em casa do sr. Bernardo José Fernandes Carneiro, rua do Souto n.^o 9; em Vianna do Castello, em casa do sr. José Antonio Gonçalves d'Azevedo, rua de S. Sebastião; no Porto, em casa do sr. F. G. Santa Cruz, rua de Santa Catarina; em Aveiro, em casa do sr. Lourenço da Costa Salgueiro; em Agueda, em casa do sr. Victorino Antonio Martins.

Responde-se pela boa qualidade e pureza d'estes vinhos e deixa-se fazer n'elletoda e qualquer experiência chimica; mas se ainda depois d'isso alguém duvidar da sua pureza, podem aparecer no armazém assim de assistirem á lotação dos ditos vinhos.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(SEM ESTAMPILHA)

| | |
|--------------------------------------|------------|
| Por anno | 3/600 reis |
| Por semestre | 1/900 * |
| Por trimestre | 1/000 * |
| Folha avulsa ou suplemento | 1/40 * |

Assignase e vendese no escriptorio da redacção, rua das Lamellas n. 45 a 49. Toda a correspondencia deverá ser dirigida franca de porto ao proprietário Augusto dos Santos Guimarães, rua de S. Paio, ou ao escriptorio da redacção. As correspondencias e publicações de interesse particular são pagas; não se publicando os escritos que envolvam responsabilidade, sem que estes venham competentemente legalizados. As publicações literárias serão publicadas gratis, recebendo-se na redacção dous exemplares. Anuncios e correspondencias 30 reis por cada linha, repetição 20 reis. As assinaturas são pagas adiantadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(COM ESTAMPILHA)

| | |
|--|------------|
| Por anno | 4/330 reis |
| Por semestre | 2/290 * |
| Por trimestre | 1/190 * |
| Para o Brazil, (pelo paquete) por anno | 9/000 |